

SEMINÁRIO 24

L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MUORRE

Regina Steffen

Já o título deste seminário do ano de 1976-1977, evidencia o impossível de uma tradução/interpretação absoluta, não por uma deficiência da língua de destino, mas pela própria essência da fala que sempre arrasta consigo o real expresso no equívoco, no sentido dúbio.

É pela equivocidade entre o que se ouve e o que se inscreve que Lacan institui *lalíngua* pela qual o real não cessa de não se escrever, denunciando a condição ímpar do *falasser* a que estamos todos sujeitos. Para além da ficção da realidade com a qual nos brinda a fantasia, falamos sozinho, sem o Outro (sexo), numa língua, também ela, singular e impartilhável (*lalíngua*).

O sujeito moderno, aquele que o *cogito* cartesiano põem em cena em determinado momento historicamente datável, dando origem à ciência moderna, é o sujeito da ciência, do conhecimento. A verdade é aquilo de que ele está separado e em direção a que seu saber está sempre escalando. O sujeito moderno é consciente de si e seguro de ser o agente das representações cada vez mais precisas de objetos que estão aí, localizáveis, visíveis e passíveis de serem conhecidos. Nele, saber e conhecimento coincidem. O saber pode ser acumulado na forma de um conhecimento cada vez mais ampliado “*To Infinity and Beyond*”, estribilho de uma antiga animação infantil, mas que não deixa de expressar o objetivo da ciência: ao infinito e além! É em direção à verdade que o saber da ciência vai, levada pelo sujeito do conhecimento. Verdade da qual esse sujeito está separado e pela qual ele não se responsabiliza. A verdade está posta nas mãos de Deus, embora a ciência prescindia Dele. Mas, em cada nova conquista, é da descoberta de uma verdade que se trata. Em cada nova conquista, um pouco mais da Verdade eterna e imutável, sempre lá na última esfera do macrocosmo, é desvendada, passando para as mãos do cientista. O Deus enganador de Descartes, conforme observa Lacan¹, é enganado pelo sujeito do *cogito*, que com sua astúcia, rouba-lhe sempre mais um segredo.

Ora, essa verdade em relação à qual o sujeito moderno não se sente implicado, como se ela não lhe dissesse respeito, como se não fosse sua, como se fosse assunto do Outro, constitui justamente a parte de si da qual o sujeito não quer nada saber. A divisão entre saber e verdade determina a própria divisão subjetiva entre mim e outro, um Outro de mim mesmo que, no entanto, me é totalmente estranho, estrangeiro: Eu sujeito do inconsciente. A verdade relegada ao outro palco, constitui o recalque fundamental, o vazio pelo qual a subjetividade se marca. Jamais haverá possibilidade de saber e verdade se encontrarem. Um buraco intransponível garante ao saber, na forma do conhecimento, desconhecer sua verdade, garantindo ao mesmo tempo, a jornada infinita do saber, inclusive porque, a cada passo que se avança, a verdade recua um passo. Ela é nosso horizonte. O preço a pagar por essa odisseia é o recalque e seu retorno na forma

¹ Lacan, J. *Seminário 13 – O Objeto da Psicanálise*. Seminário inédito, citação retirada da edição feita pelo Centro de Estudos Freudianos do Recife, para fins não comerciais, Recife, 2018, lição de 09/02/1966, p.174.

do sintoma, em sua insistência, em sua reincidência: isso que não cessa de não se escrever.

Foi a psicanálise quem recolheu esse resto não sabido do saber e o chamou “inconsciente”, um saber sem o saber. Esse furo no saber constitui o real como impossível, impossível de ser inscrito no simbólico. Trata-se da articulação impossível do saber e da verdade, pois essa articulação apagaria, se fosse possível, a própria divisão que inaugura o *fallasser*. Resta sempre o real, como consequência e causa da divisão subjetiva.

A castração, pela qual essa hiância marca o corpo humano como corpo de linguagem, corpo impulsionado pelo desejo e não pelo instinto, tanto abre o buraco, quanto o fecha pela construção da fantasia, permitindo que o abismo do isolamento desse sujeito ímpar, possa ser coberto por essa tela protetora. A fantasia nos oculta a verdade da castração como se isso não tivesse a ver conosco.

É pelo Nome-do-Pai que sabemos a castração simbólica que nos esburaca o corpo, implantando aí o desejo, a tela da fantasia, por cuja obra transformamos o vazio em perda e partimos em busca de nossa outra metade, subvertendo a verdade do desejo, no ponto exato em que ela se marca. A fantasia nos oferece um horizonte que nos dá um ponto de vista a nos iluminar o mundo que vemos, mundo partilhável, intersubjetivo. É nessa ficção que o neurótico vive. Aí tudo faz sentido, e a comunicação parece bem viável, embora o mau entendido sempre compareça a nos lembrar da precariedade desse arranjo que promove uma realidade una, inquestionável, partilhável, comunicável, passível de ser conhecida pela ciência. É o mal-estar expresso no sintoma que vem alertar para algo que manca nessa ficção. Algo não anda, está emperrado, não sai do lugar: está aí o real.

É aí que o psicanalista é convocado a operar. Seu ato atravessa o fundo oco da fala, buraco ao qual o ser falante está sujeito, levando-o, não a conhecer seu inconsciente, mas a um “saber fazer com isso”, com esse buraco vazio. O inconsciente de Freud se conhece; pela análise se descobre o trauma e se conhece o inconsciente. Mas, isso leva Freud a admitir que a análise não termina, senão que se interrompe quando do encontro do rochedo da castração. Para Freud, a castração representa um ponto intransponível no tratamento que chega só até o conhecimento da fantasia fundamental, a cena primitiva diante da qual, o paciente, uma vez mais, horrorizado com o vislumbre da verdade, vai embora, reafirmando sua condição de neurótico: isso não me diz respeito. Disso não quero nada saber.

Já, o inconsciente de Lacan é impossível de ser conhecido, dado que nele não há nada escondido; o recalque primário não representa a perda de algo havido; o recalque primário, ponto da constituição do inconsciente, representa a assunção subjetiva do buraco, da fenda, do intervalo a que se está sujeito pela ação do significante, que marca o corpo como corpo de desejo. O inconsciente é, em Lacan, o não sabido que sabe... (*L'insu que sait...*). Com esse inconsciente intervalar só nos cabe “*savoir y faire*”, ou seja, fazer algo com ele, ter a habilidade de fazer algo com ele que não seja seu recalque, que não seja o não querer nada saber. Trata-se antes, de contar com ele, em vez de o ignorar como faz o neurótico.

No Seminário 24, de modo ainda mais incisivo do que em anos anteriores, Lacan propõe questões que levam adiante a psicanálise que Freud nos legou. Trata-se declaradamente de “prolongar” Freud, de reduplicar seu percurso, completando com uma segunda volta o trajeto que, só assim, inclui o desejo.

Já no Seminário 13, dedicado ao “Objeto da Psicanálise”, 11 anos antes deste aqui, Lacan declarava² que seu retorno a Freud não devia ser tomado como uma volta às origens, um apego aos textos originais tomados como sagrados, tratando-se, de fato, de completar o trajeto legado por Freud, indo ao seu mais além para aí encontrar o valor subversivo de sua descoberta.

Aqui, ao postular o inconsciente em sua dimensão real, Lacan promove esse retorno como avanço.

Outras questões decorem dessa perspectiva do inconsciente como ponto de fuga do real. O tema ligado à função escópica, profundamente analisado nos Seminários 11³ e 13⁴, através da divisão entre a visão e o olhar, constituída e constitutiva da divisão subjetiva, transforma o olhar em objeto *a*, cuja queda acompanha a castração. Jamais nos vemos de onde somos olhados. O olhar, inapreensível sempre, está no quadro do mundo que a fantasia enquadra como tela, iluminando nosso ponto de vista. O olhar, sempre inapreensível invoca: “Mostre!” Isso que não vejo me prende, me mantém cativo do desejo de saber, de finalmente ver aquilo que parece faltar, mas que com certeza está escondido. É a transformação do buraco, do ponto cego, em ponto luminoso, a ofuscar o objeto perdido do meu desejo.

Agora, no Seminário 24, trata-se de perguntar como o analista pode operar com a fala de modo eficiente, de modo que ela possa ser *realmente* operatória? Como ultrapassar o muro da linguagem, através de uma experiência de fala?⁵ É assim que o título deste Seminário, por sua intraduzibilidade, se oferece como uma interpretação. Não que a interpretação deva ser uma frase sem sentido, mas ela deve permitir a passagem de sentido (*pas-de-sens*) pelo não sentido, sempre em ressonância com a fala do analisante, lá onde isso cabe, lá onde isso toca, promovendo um saber sem o saber, ou seja, um saber sem conhecimento, saber fugidivo, mas que precipita um ato, saber que ecoa. É curioso chegarmos aqui ao eco, essa minha voz de mim separada. Há nesse ecoar da intervenção que faz ato, a recuperação da voz como objeto *a*, objeto da pulsão invocante. Temos aqui os dois objetos da pulsão: o olhar e a voz, objetos do desejo e não da demanda, ‘caídos do corpo’ por obra do corte da castração, a cuja queda sou sujeito.

O Seminário 24 será, então, um seminário que vai questionar a formação do analista, a transmissão da psicanálise, levando essas questões até a estrutura do mundo humano: “O mundo humano é tórico, diz Lacan na Terceira”⁶ (1975), o que justifica o exercício

² *Op. cit.*, p. 348-349.

³ Lacan, J., *Seminário 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1979, lições de 26/02, 04/03 e 14/03/1964.

⁴ *Op. Cit.*, *Seminário 13*, a partir da lição 16 de 04/05/1966.

⁵ Lemosof, A. in Safouan, M. (org.) *Lacanianana – Les Séminaires de J. Lacan – de 1964-1979*. Fayard, Paris, 2005.

⁶ *Op.cit.* p.416.

dessa geometria pela qual ele já transita há anos, entre a topologia de superfícies e a dos nós.

Voltando uma vez mais ao discurso do analista, Lacan vai destacar com ênfase que esse discurso revela a impossibilidade da conexão de S1 com S2. Isso porque, em hipótese alguma, o Outro responde: S de A barrado. A está barrado, não responde. Há Um, mas não, Outro. Falar de S1 parece prometer um S2, mas, S1 não representa o sujeito para o S2. “Isso não chega a seu destinatário, daí porque o mal-entendido é irreduzível”⁷. S1 não representa o sujeito para S2 no discurso do analista, cuja função é desmascarar a ilusão dessa relação, produto da ficção que o espelho produz. É no espelho que acontece a ilusão de se ter, de ter de si uma representação a comprovar que “esse aí sou eu”. Aqui nova equivocidade: “se ter” em francês (*s’avoir*) é homófono de “isso ver” (*ça voir*), ou seja, saber-se sabendo (sujeito da consciência, do *cogito*) sustenta-se na ilusão de isso ver.

É a verdade da representação impossível do sujeito que impede o analista de estar situado em qualquer outro discurso onde essa conexão se estabeleça. Na análise ela não se estabelece e o equívoco marca presença aí; na análise o analista não responde à demanda, sendo isso que permite que o analisando, se deparando com a falta do Outro, se identifique com seu *sinthoma* (e não, com seu analista), encontrando na invenção de um saber fazer com isso, a saída para o impasse.

“S1 só assume seu lugar certo se o S2 for o significante duplo (e não o segundo no tempo)”⁸. Essa duplicidade produz a ilusão de que há dois que se articulam, dois sexos que se relacionam, portanto. “S2 é a duplicidade do significante, seu duplo sentido é o que faz crer na existência, psicanaliticamente falando, de dois sexos”⁹, que sendo dois, poderiam sim realizar a relação (sexual). Cabe ao discurso do analista e ao analista bem posicionado nele, sustentar o impossível de tal relação, marcando assim o lugar do real, para bem evidenciar S2 no lugar da verdade da castração. “Se ao Outro é atribuído o saber, o começo do saber está em S1, mas é um saber que se contenta em recomeçar sempre, sem nunca chegar a lugar nenhum”¹⁰. É o Um que sabe, e não o [Outro] suposto saber.”¹¹

Campinas, novembro/2020.

⁷ *Ibid.*, p.411.

⁸ *Ibid.*, p.412.

⁹ *Ibid.*, p.412.

¹⁰ *Ibid.*, p.411.

¹¹ *Ibid.*, p.411.

BIBLIOGRAFIA:

-Lacan, J., *Seminário 24 – L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, (1976-1977).

Seminário inédito, encontrável em:

- staferla.free.fr (em francês)

- lacanempdf.blogspot.com/2019/06/seminatio-24-portugues-linsu-que-sait.html

-Safouan, M. (org.) *Lacaniana – Les séminaires de Jacques Lacan – 1964 -1979*, Vol. II, Fayard, Paris, 2005.